



atualizações políticas na Grécia hoje

A Iliáda abre com a fúria e os louvores à coragem; a Odisseia inicia-se pelo homem. Um grego em transformação, multiversátil, plurisofredor, transformando-se pela luta e pela travessia solitária. Um, Aquiles, é o herói da coragem; o outro, Ulisses, é o herói da astúcia.

Quando terá fim a era dos heróis? Força e astúcia, qualidades distintivas do soberano moderno enaltecidas por Maquiavel, ainda governam as ações de comando. Mas isso não é um absoluto. Há uma potência de liberdade associativa que segue viva e em combate com as formas metamorfoseadas do exercício dos poderes. Uma coragem que atravessa e anula a violência e a astúcia, Estado e direito.

Revestida de variados mantos políticos, a Grécia de hoje convive em seus extremos com essas duas forças: a dos que buscam protagonismo e renovam as práticas de governo dos outros e a dos que lutam associados por possibilidades outras de existência.





Na Grécia contemporânea, realizam-se tanto inovações relativas às formas de governo, manutenção das desigualdades e assimetrias capitalistas, quanto experiências inéditas de auto-organização, autogestão, liberdade e lutas anticapitalistas vindas da revolta e da vida nas ruas.

Há um refazer da política sem revirá-la, e há uma revolta permanente que altera os lances das certezas políticas.

Em 20 de agosto de 2015, estampa-se a renúncia de Alexis Tsipras. Ele justificou sua decisão declarando que seu mandato havia se esgotado em apenas 7 meses e a missão de barrar a austeridade havia falhado, ressaltando que seus esforços impediram um desastre maior.

Há quem declare se tratar de uma estratégia para renovar a legitimidade de seu mandato; outros associam sua decisão à pressão interna da ala radical da Syriza relacionada à compressão externa dos países que não viam com bons olhos o atual governo.

Angela Merkel passou recibo declarando publicamente, em meio a seu encontro com Dilma Rousseff, que a renúncia era o melhor para Grécia. As novas eleições foram marcadas para 20 de setembro.





Prosseguem os jogos de renovação política, para que tudo se mantenha em ordem. E neles, sempre prevalece a força mais poderosa, dirigindo as possibilidades de se fazer política democrática adequada às reformas econômicas em curso. Pretendem escrever as páginas dos capítulos subsequentes no drama da política moderna.

Há algum tempo Atenas fomentava em seus bairros (especialmente Exarchia) práticas contínuas da cultura libertária, associada aos anarquismos e às formas de atuação dos chamados novíssimos movimentos sociais, inaugurados com as mobilizações dos dias de ação global, desde Seattle, 1999.

Uma infinidade de centros sociais, grupos de apoio aos imigrantes e refugiados (a Grécia é um portal para Europa utilizado por pessoas vindas do Oriente Próximo), associações estudantis e relações não-institucionais de trabalhadores já atuavam e mostravam sua revolta desde 2006, período das mobilizações contra o Tratado de Bolonha, que criou um sistema único de ensino graduado europeu, e antes ainda, a partir de 2004, com os protestos contra a realização das Olimpíadas.

Sob o governo de um partido de centro-esquerda (o PASOK, que junto com o Nova Democracia, de Antonis Samaras, alternou-se na política grega desde o final da Ditadura





dos Coronéis em 1974), o país entrou na União Europeia, contraiu uma série de dívidas impostas e subservientemente aceitas para, em seguida, entregar-se à austeridade.

Os primeiros a sentir o seu peso foram as crianças, os jovens e os velhos. Desde então, são muitos os jovens que fazem da Grécia o turbilhão de experiências políticas democráticas, anárquicas e de lutas contra o capitalismo e as políticas de austeridade neoliberais.

O século XXI no território grego é uma amostra potente de uma nova forma de atuação política que combina anarcopunk, veganismo, feminismo, ecologia radical, luta contra as prisões, embates de rua e pequenas práticas de sabotagem, reconfigurando o campo da revolta e da contestação política.

Estourou por lá, e em diversas partes do planeta, um interesse na anarquia como antipolítica capaz de produzir formas de vida outras em combate com o que está programaticamente disposto.

Para além de negociações e acordos, estão as novas formas de governança, que supõem a dissolução da relação governantes-governados, compondo o teatro político compartilhado de protagonistas. Logo, o partido no governo apenas deve representar o melhor condutor dos negócios e, desse modo, as eleições passam a





ser corriqueiras, funcionando quase como um plebiscito em função do bom ou mau desempenho nas negociações econômicas.

Mas, aquém das regulações entre Estados e organizações internacionais, a Grécia interessa pelo fogo da revolta que lá arde em coragem.

a nova política

O ano de 2015 renovou o interesse pelos acontecimentos na terra de Homero.

Em janeiro, as eleições majoritárias confirmaram a vitória da coligação Syriza com 36% dos votos, e garantiram-lhe 149 das 300 cadeiras no parlamento.

Synaspismos é o grupo majoritário, composto pela coligação entre comunistas que se transformou em partido após os expurgos de 45% do Comitê Central do PC com o fim da URSS.

Outras organizações da coligação são a AKOA (Esquerda Comunista Ecológica e Renovadora, membro observador do Partido da Esquerda Europeia); DEA (Esquerda Internacionalista dos Trabalhadores, próxima da tendência trotskista internacional IST, fundada por Tony Cliff); DKKI (Movimento Democrático Social, corrente que saiu do PASOK em 1995); a KOE (Organização Comunista da Grécia, de inspiração maoísta, e que se integrou à Syriza





em 2007); o Kokkino (Vermelho, corrente de inspiração trotskista); os Ecosocialistas da Grécia; os Cidadãos Ativos (corrente fundada pelo herói da Resistência Manolis Glezos); o KEDA (Movimento pela Esquerda Unida na Ação, outra cisão do PC grego em 2000); os Rizospastes (Radicais, cisão dos Cidadãos Ativos, que sublinham o patriotismo no discurso); o Omada Roza (Grupo Rosa, esquerda radical); e o APO (Grupo Político Anticapitalista, corrente de inspiração trotskista).

A Syriza cresceu como partido em meio às lutas contra a política de austeridade, intensificadas a partir de 2008. Tornou-se o primeiro partido na Europa a ocupar o executivo, entre os chamados partidos-movimento que emergiram das lutas contra austeridade, como o Die Linke alemão e o Podemos espanhol.

A Syriza passou a ser um paradigma partidário para incluir e representar certos descontentamentos expressos em protestos regulares nos anos 2000, acoplados aos Fóruns Mundiais. Iniciou a reforma do mesmo, ou seja, formalizou-se a conexão entre organizações indignadas da sociedade civil e Estado na atualização da representação, redesenhando o que é um partido político. Porém, teve e tem de ajustar-se aos preceitos de governança. Eis sua atualidade: absorver como um velho





mata-borrão a tinta que escorre da escritura convencional.

Em junho/julho de 2015, após garantir a liderança do governo por meio de uma aliança com os nacionalistas do ANEL (gregos independentes), a Syriza chamou um referendo sobre a continuidade da negociação relativa à renovação do acordo da dívida governado pela TROIKA (Eurogrupo - composto pelos Ministros das Finanças dos Estados-Membros da Zona do Euro, responsáveis pela coordenação da política econômica -, Banco Central Europeu e FMI).

Isso acendeu uma **esperança** em todo o planeta quanto à possibilidade de uma oposição democrática ao autoritarismo exercido pelas instituições financeiras globais. A história é conhecida: o "Não" (OXI) venceu com 61% dos votos mas, em menos de uma semana, o primeiro-ministro Alexis Tsipras aceitou prosseguir com as negociações para o terceiro regaste financeiro da dívida.

Em agosto de 2015, o dinheiro começou a entrar e o governo sustentou garantir a reforma com a austeridade prevista e exigida pelo acordo. Leia-se: cortar direitos sociais e reprimir violentamente as manifestações contrárias no país.

O sonho de uma oposição populista baseada na legitimidade de um referendo ad hoc durou





pouco. Os joelhos, mais uma vez, dobraram-se no genuflexório dos gestores.

Se a morte do jovem Alexis Grigolopoulos (executado pela polícia em Exarchia, fato que detonou a revolta de rua de dezembro de 2008) acendeu a pira grega, o resplendor do novo governo, liderado pelo maduro Alexis Tsipras, cozinhou em banho-maria a esperança dos gregos de uma vida livre do jugo da TROIKA. E a renúncia chegou rapidamente em busca de mais uma renovação da legitimidade.

Na velocidade característica da comunicação na sociedade de controle, cumpriu-se o itinerário de captura governamental das lutas dispersas e descontínuas que ameaçam a centralidade do governo, por meio da convocação à participação.

O referendo exerceu o papel de catalisador institucional da insatisfação difusa, modificando as lutas anti-austeridade para uma vaga imagem abstrata de "o povo grego", oferecendo "legitimidade" para a capitulação.

Sabe-se o quão diferente são as formas e os motivos de ser contra a austeridade. Elas variam da extrema direita aos anarquistas, passando pelos partidos convencionais e pelos novos partidos resultantes de coligações indignadas, esses sim, plenamente reconhecidos como democráticos. E por serem democratas não têm como escapar de diálogos





com a extrema direita. O jogo pluralista e populista se ampliou e renovou o que se entendia por direita e esquerda, ganhando NOVOS contornos institucionalizáveis.

Para governar é preciso traduzir as diferenças em pluralidade, reprimir violentamente as recusas radicais (como ocorreu contra os grupos que praticavam black bloc na Praça Syntagma, no dia 15 de julho de 2015) e reconfigurar a imagem de unidade dada pelo referendo.

Seguindo o roteiro liberal clássico da representação democrática, a Syriza primeiro organizou as lutas contra a austeridade em um partido, concorreu às eleições, venceu e procurou consolidar a luta direta em representação legítima de um programa nacional possível.

Com isso, fez a abstrata expressão "o povo grego" coincidir com a efetiva governança da nação, instituindo a necessária negociação diplomática com partidos políticos, outros Estados e demais instituições financeiras transterritoriais como FMI, ONU ou Banco Mundial.

A nova política redimensiona o Estado como categoria do entendimento, renovando o papel político do governo nacional num campo de governamentalidade planetária





e obstruindo a descentralização das lutas locais e horizontalizadas.

Não raro, setores ligados à chamada esquerda, em todos os cantos, falam de uma crise humanitária (termo da ONU usado para justificar novas formas de intervenções) na Grécia conectada e de Estado Falido (termo difundido pela revista *Foreign Policy*, também para justificar intervenções supranacionais). O diferencial, neste caso, é que o Estado prestes a falir pertence à União Europeia. Assim, o campo da esquerda (nova ou velha) confunde-se com o vocabulário dos neoliberais (governos e intelectuais) planeta adentro.

A compreensão da tradicional oposição direita/esquerda, por força da racionalidade neoliberal, mudou: tornar digno o embravecido passa a ser tarefa dos próprios indignados ajustando-se ao inevitável equacionamento da gestão, ou seja, tornar-se capital humano e compreender que não cabe mais ao Estado bancar direitos sociais. Pagar a dívida pública significa também que cada um vire empreendedor. Não se trata mais de ter o Estado como gerenciador de empregos, mas de fortalecer empregabilidades.

De fato, os dados são alarmantes, e isso é inegável, mas as conclusões que se retira deles são, no mínimo, duvidosas.





Quais números são esses?

Nos últimos dez anos o PIB grego encolheu em torno de 25%. Nesse mesmo período, a taxa de desemprego foi a 26% do total da chamada força de trabalho ativa, chegando a 52% entre os jovens (só em 2009, um programa de demissão colocou na rua cerca de 200 mil funcionários públicos).

Alguém poderá objetar que as pessoas precisam sobreviver, e quanto a isso não há dúvidas. A atual gestão dos viventes está voltada precisamente para isso: a produção de uma sobrevida impotente, com pitadas homeopáticas de esperança em um futuro melhor, ou, nas palavras neoliberais, cada um como capital humano deve enfrentar os riscos de mercado para tornar-se um empreendedor.

Futuro incerto, comprometido desde já com a produção de misérias econômicas e de vidas miseráveis. Para notar isso, basta ler, no frio universo do saber do Estado (em que se encontram também os dados estatísticos), que 2,5 milhões de gregos vivem abaixo da linha da pobreza (recebem menos de 2 dólares diários), e que entre esses, segundo a UNICEF, estão 597 mil crianças.

A Syriza foi convocada, como via política possível, para ser o administrador geral do desespero social com doses reguladas de esperança.





O atual governo grego segue despendendo 2,2% do seu PIB em gastos militares (deve fazê-lo, como membro da OTAN, embora a média europeia seja menor), o que também se reflete nos sofisticados equipamentos policiais das tropas antimotim que reprimem violentamente as revoltas de rua.

É mais que compreensível o apoio da extrema direita nacionalista dos Gregos Independes (ANEL), que garantiu Tsipras como Primeiro Ministro, obtido por meio da entrega do Ministério da Defesa ao líder da ANEL, Panos Kammenos.

Considerando-se a difícil situação dos imigrantes albaneses e de outras partes, sobretudo da África, a existência de um numeroso grupo neonazista (o Aurora Dourada) e a histórica animosidade da Grécia com a Turquia em torno da divisão do Chipre (a ilha que na antiguidade foi consagrada a Afrodite), entregar o Ministério da Defesa aos nacionalistas é uma ação muito mais temerária e violenta ao cidadão grego do que a demonização que o discurso da mídia construiu sobre os jovens que enfrentam a polícia e atacam sedes de bancos e prédios públicos com pedras e coquetéis molotov.

A nova política, muito óbvia, segue a política de Estado, inseparável de suas práticas violentas de contenção, regulação





e segregação, até o limite com a morte pelo racismo de Estado.

revolta e antipolítica

Mas na Grécia há muita vida passando ao largo do Estado e do mercado, e muita luta direta que não se seduz pela alegre esperança oferecida por alternativas em uma boa governança.

São experiências que vão

- de grupos de autodefesa de imigrantes a enclaves temporários de jovens que atacam bancos, prédios estatais e grupos neonazistas;

- de cozinhas coletivas com distribuição gratuita de comida, passando por bandos de saques às grandes redes de supermercados e pelas clínicas médicas autogeridas por usuários e profissionais da saúde;

- de centros sociais de convivência e ações culturais a grupos anarquistas clandestinos, que renunciaram à vida na normalidade e decidem habitar a borda do sistema, colocando-se como críticos, inclusive, dos anarquistas e autonomistas antiautoritários, que ainda prosseguem em alguma atuação política e social de assistência aos atingidos pela crise, mesmo não formalmente na esfera institucional.





Nessa constelação de práticas, há os surpreendentes *koukouloforos*, em grego, literalmente encapuzados.

São jovens de procedência diversas, que

- em sua maioria desempregados ou estudantes da Politécnica de Atenas e outros centros de ensino, reúnem-se para atacar policiais, bancos e prédios públicos;

- protegem manifestações diversas do enalço neonazista, olímpicamente ignorado pela polícia, e criam o que chamam de "uma imagem do futuro";

- invertem a lógica das políticas de esperança;

- desenham o futuro no presente como destruição na cidade dos "símbolos" que encarnam a crise: bancos, delegacias, lojas de *fast food* e de departamentos com suas roupas e objetos de consumo frenético;

- realizam suas ações, em geral, acompanhados por grupos de filmagens replicando as imagens para todo planeta, acompanhadas de textos que afrontam a situação atual.

Estavam em 6 de dezembro de 2008, quando a polícia matou Alexis Grigoloupolos; estavam em 6 de dezembro de 2014, quando prenderam o amigo de Alexis Grigoloupolos, Nicos Romanos; estavam em 15 de julho de 2015, quando Alexis Tsipras aceitou negociar com a TROIKA.





Estão nas datas midiáticas e na vida comum do dia-a-dia, exercitando práticas interceptadoras de empreendedorismos ou de migalhas de Estado.

São a expressão nas ruas da antipolítica como revolta que não busca organização legal ou legítima, e reconhecimento, mas produzir situações que sacudam os acomodados e alertem os desavisados.

As experiências nos grupos de enfrentamentos dos **koukouloforos** funcionam, para muitos jovens gregos, como "entrada" em um campo mais amplo de práticas de uma política radical.

Eles produzem com suas ações nas ruas e pela difusão na internet o contra-espetáculo das práticas antipolíticas.

Anunciam o insuportável que está posto pela sociedade muito além das contingências da crise.

A outra ponta radical das ações na Grécia encontra-se entre as CCFs (Conspiração das Células de Fogo), que se declaram uma guerrilha urbana dedicada exclusivamente à sabotagem e roubos a bancos.

Tomam a vida na clandestinidade como uma decisão que os tira de uma sociedade em que não compartilham os valores e dela nada esperam.

Afirmam-se diante e contra o Estado.





Na Grécia, são também uma das expressões permanentes da cultura libertária como uma antipolítica que produz o ingovernável sem colocar a questão: o que fazer com ele ou a partir dele.

Expressam-se como anarquistas antissociais, e lutam, também, contra a sociedade.

Repelem os clamores por unidade, mesmo entre os anarquistas, e afirmam que a forma de luta que escolheram é a de um rompimento não apenas com as condições colocadas pela crise e com o Estado grego, mas a de uma recusa aos modos de vida e ao futuro que se possa esperar deles.

Não possuem sede, porta-vozes ou site oficial; suas ações (que nunca atingem pessoas, só propriedades) são seguidas de comunicados que circulam de diversas maneiras e são traduzidos para diversas línguas. São a expressão da antipolítica como modo de vida antissociedade, dispostos, inclusive, a problematizar os anarquismos.

Nenhuma dessas experiências se coloca ou deve ser tomada como modelo, guia, referência e, muito menos, exemplar na luta antipolítica.

Estão aí como registros, em meio às pomposas polêmicas sobre a crise e suas saídas, e como





algo importante e nada imperceptível que se passa.

As inovações das tecnologias de governo e os grupos que disputam o comando, não deixarão de persegui-las, desqualificá-las, diminuí-las. Mas elas seguem sendo muito mais do que apontamentos sobre a recusa.

Elas delineiam dimensões da ação fora da racionalidade de governo neoliberal, tingida de esquerda convencional ou atualizada.

Como Ulisses no conhecido episódio das sereias, as pessoas envolvidas nestas experiências sabem da precariedade do futuro, com ou sem crise, mas preferem a incerteza a ficar deslumbradas com os cantos que louvam as glórias do passado. Dispensam-se de astúcias!

Os arquivos de hoje não correspondem ao Estado grego e ao seu NOVO governo de esquerda, mas seguem como um povo diverso e disperso em lutas destemidas. Não há mais entre eles o paradigma de coragem de Aquiles, lutando pelo seu soberano.

Sabem que o fluxo da vida é transitório e precário, o que a torna única, original, irrepetível e que depende apenas da coragem de cada um.

Na Grécia de hoje há os que reviram para renovar, refazendo a centralidade do homem e da política. Anunciam a persistência de





Ulisses, sem a coragem de Aquiles. Ou seja, não há mais Ulisses nem Aquiles, apenas emblemas ociosos, estátuas para turistas.

E há os que se reviram em meio às lutas e os enfrentamentos e não se submetem a fins esperados pelas escolhas racionais.

Eles fazem, no presente, a potência da anarquia como meio de dar forma à impaciência da liberdade como afirmação da revolta e recusa da política.

[Publicado como 'hypomnemata 179', boletim eletrônico do Nu-Sol, agosto de 2015]

